



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



THALITA MARTINS PEREIRA PAGOTO

***MEMORIAL REFLEXIVO: UM ENSEJO PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE PROFISSIONAL***

UBERLÂNDIA
2021

THALITA MARTINS PEREIRA PAGOTO

***MEMORIAL REFLEXIVO: UM ENSEJO PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE PROFISSIONAL***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a aprovação do componente curricular Monografia II - TCC do Curso de Pedagogia a distância, sob a orientação da Professora Doutora Iara Maria Mora Longhini.

UBERLÂNDIA
2021

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre iluminou o meu caminho e fez coisas incríveis por mim. Aos meus pais, Paulo e Gálbia, por serem meus grandes incentivadores. Ao meu esposo Eugênio, pela amizade, carinho e atenção. E, em especial, ao meu filho Eliseu, que foi o responsável por me alegrar nos momentos de estresse e dificuldades. À minha tutora Professora Vanilda Aparecida pelo apoio durante toda a graduação. Por fim, à minha orientadora Professora Iara Maria pelos valiosos ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por conceder-me a vida, por guiar meus passos e abençoar meu percurso.

Ao meu filho, Eliseu, a minha maior riqueza, a minha motivação diária e a minha razão de viver.

Ao meu esposo, Eugênio, que acima de tudo é um grande amigo, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo.

Aos meus pais, Paulo e Gálbia, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

A todos os meus familiares e amigos, que pela presença, palavra, sorriso ou saudade fizeram com que essa caminhada valesse a pena.

À minha tutora Professora Vanilda Aparecida de Souza pela paciência e dedicação durante os quatro anos da graduação.

À minha orientadora Professora Doutora Iara Maria Mora Longhini pelas contribuições e pelo auxílio à concretização desse trabalho.

À minha colega de trabalho, Paula Tatiane Ribas Campos Rosa pela amizade e ajuda durante todo o projeto.

Aos meus colegas de curso, que assim como eu, encerram uma difícil etapa da vida acadêmica.

A todos os professores, técnicos e funcionários que me guiaram para além das teorias, das filosofias e das técnicas, expresso os meus agradecimentos e profundo respeito, que sempre serão poucos, diante do muito que me foi oferecido.

À Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade de realização do curso de Pedagogia.

RESUMO

O presente memorial reflexivo tem como objetivo relatar a trajetória pessoal e acadêmica da discente Thalita Martins Pereira Pagoto. Não é uma tarefa simples, visto que a retomada dos acontecimentos implica na releitura das experiências vividas buscando a construção da identidade profissional da autora. A partir dos questionamentos que surgiram durante o exercício de lembrar, buscou-se entender tanto a importância da afetividade na relação professor e aluno (inclusive no atual cenário de pandemia) quanto a relevância da mediação pedagógica para o processo de ensino e aprendizagem. A base desse estudo foi uma revisão bibliográfica a qual possibilitou o entendimento de como a afetividade é fundamental para a formação integral do ser humano.

Palavras-chave: Afetividade; Relação Professor-Aluno; Mediação Pedagógica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA À DISCENTE DE PEDAGOGIA.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1. A importância da afetividade na relação professor e aluno	16
2.2. O professor como mediador.....	19
2.3. A afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia.....	21
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

A disciplina Monografia II - TCC é componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Uberlândia. Sua carga horária é de 30 horas dedicadas à escrita de um trabalho monográfico.

Desta maneira, a proposta para esse trabalho foi a construção de um memorial reflexivo, o qual possibilitou tanto o relato da minha trajetória pessoal e escolar sob um olhar analítico, quanto entender o impacto da formação em curso sobre a minha prática profissional.

A pesquisa bibliográfica e as considerações realizadas no capítulo intitulado “referencial teórico” deste trabalho, foram desenvolvidas em parceria com a minha colega de turma, Paula Tatiane Ribas Campos Rosa. Assim, definimos que o tema central seria conduzido de forma a entendermos sobre a importância e contribuição da afetividade na relação professor e aluno.

Para tanto, este estudo consistiu de uma revisão da literatura com o objetivo de destacar a influência da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações no processo pedagógico. Neste sentido, entendemos que as ações pedagógicas que são permeadas pelo afeto despertam no aluno a motivação, a segurança e o desenvolvimento da autoestima que são fatores imprescindíveis para a construção do conhecimento.

Para uma melhor organização das informações, o texto está dividido em três capítulos, a saber: da minha trajetória pessoal à discente de Pedagogia, referencial teórico e considerações finais. O primeiro capítulo trata-se do memorial inspirado em minha história de vida pessoal e escolar. O segundo é uma revisão bibliográfica sobre o tema central. No terceiro e último capítulo, são feitas as considerações finais, retomando os objetivos da construção desta pesquisa com base na reflexão de uma prática pedagógica afetiva.

1. DA MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL À DISCENTE DE PEDAGOGIA

Na minha memória, há um pouco de história. A vida humana é marcada por inúmeros acontecimentos, e, para que eu apresente as razões que me trouxeram ao oitavo e último período do curso de Pedagogia, é necessário que eu faça um resgate de aspectos da minha infância e da minha trajetória educacional. Ao final, acredito que será possível conceber uma reflexão crítica que enfatize a importância da afetividade na relação professor e aluno, bem como definir os caminhos que devo trilhar para a construção da minha identidade profissional.

Assim, deixo aqui o meu convite a você leitor: embarque comigo nessa aventura autobiográfica e conheça os fatos e feitos da vida dessa “quase pedagoga” que vos fala!

Aos 27 de dezembro de 1988, na cidade de Uberlândia-MG, anunciei ao mundo através do meu primeiro choro: Cheguei! Era o início da minha trajetória de vida e posso afirmar que apesar de ter nascido em uma família tradicional e conservadora, eu tive uma infância feliz, pois, a minha maior preocupação era brincar, brigar e reconciliar com o meu único irmão mais velho. Durante as nossas brincadeiras, eu já expressava o desejo de ser professora.

A criança enquanto ser social começa a interagir de diferentes maneiras no ambiente físico e social que a cerca. Dá-se então, o início de seu processo educativo intermediado por outros seres humanos. A primeira condição educativa ocorre no seio da família e, posteriormente, a educação formal passa ser conduzida por uma instituição escolar.

A minha trajetória educacional se deu integralmente em escola pública. Analisando vários aspectos, hoje entendo que recebi uma educação baseada na metodologia tradicional. Isso fez com que eu guardasse na memória tanto aspectos positivos quanto negativos. Vou tentar relatar alguns desses que considero mais marcantes.

Aos quatro anos de idade ingressei na pré-escola – hoje denominada Educação Infantil – no Jardim de Infância I. Eu sempre fui uma criança muito falante, e a ideia de fazer novos amigos me fascinava, então, eu não tive dificuldades de adaptar-me ao ambiente escolar.

Nessa primeira escola, eu me lembro de ser recebida na entrada do portão por uma inspetora, a qual tão logo ordenava que eu entrasse na fila de meninas da minha turma, pois assim que tocasse o sinal, a professora iria nos guiar até a sala de aula. Sim, existia fila para meninos e meninas e ainda era organizada de forma crescente por estatura das crianças. No caminho do pátio até a sala de aula, os alunos iam cantando a música “Marcha soldado”. Na hora do recreio, essa organização se repetia mudando apenas a cantiga para “Meu lanchinho, vou comer”.

Ainda assim, era muito divertido brincar nos balanços e gangorras do parque de areia. Também me recordo que na escola vivia uma jabuti que a era atração e mascote da criançada. Era dever de todos zelar pelo bem-estar da nossa “amiga animal”.

No ano seguinte, iniciei o Jardim de Infância II. Permaneci nessa classe por três dias e minha mãe foi chamada até a escola, pois segundo a professora, meu nível de conhecimento equiparava com o dos alunos que cursavam o Pré e, por isso, eu seria remanejada. Aí começava o meu terror. A professora do Pré era a mais temida da escola, conhecida pelo seu autoritarismo e também pelos seus gritos.

"Vaca amarela / Pulou a janela / Quem conversar primeiro / Come a bosta dela" parecia ser um mantra para a professora e ela repetia inúmeras vezes durante o dia. A indisciplina seria “resolvida” por meio de punições que iam desde sentar em frente ao quadro, virada de costas para a turma até a perda do direito de sair da sala para o recreio ou para o parque de diversões. Enquanto aluna, eu obedecia por medo do castigo que viria tanto por parte da professora quanto por parte da minha mãe, que não admitia o fato de ter que ir à escola para ouvir alguma reclamação da minha conduta.

Ao fim do ano letivo ocorreu o evento de formatura dos alunos do Pré. Isso significava que eu não teria mais que conviver com aquela professora, que alívio! Ao mesmo tempo, surgia a euforia, pois eu seria matriculada em outra escola, na mesma que meu irmão estudava.

Então, em 1995 iniciei a 1ª série do Ensino Fundamental que teria duração de oito anos. A nova escola era recém-construída e o seu espaço físico bastante amplo. As salas de aula eram distribuídas em dois andares com mesas e cadeiras novas, possuía laboratórios de informática e ciências, sala de vídeo, biblioteca, quiosque, parque de areia, quadra de esportes, enfim, aos olhos de uma criança parecia ser um castelo encantado de um conto de fadas.

A cena de chegada à escola se repetia: ao entrar pelo portão fui direcionada para a fila da minha turma e ao soar do sinal, a professora nos conduziria até a sala de aula. O layout da classe era composto por quadro negro, carteiras enfileiradas, painéis de cartolina e papel *kraft*.

A nova professora, para a minha alegria, era bem diferente da outra. Ela tinha o domínio da turma por meio de sua prática pedagógica tradicional; era possível sentir a firmeza em sua fala, mas ela era bastante gentil. Era conhecida por sua habilidade em alfabetização e organização, tudo era planejado nos mínimos detalhes.

Outra questão que me marcou, foi o fato de ser a primeira vez que eu teria contato com uma pessoa surda. Era uma senhora que trabalhava na área de serviços gerais, com seus cabelos curtos cacheados e grisalhos, olhos azuis muito claros. Ela transparecia ser uma pessoa serena,

mas na verdade ela era bastante brava e não aceitava qualquer desvio de conduta dos alunos. Ela se fazia entender por meio de seus gestos e expressões.

Da 3ª série, eu tenho em memória um acontecimento que me causou vergonha diante dos meus colegas. Numa aula de língua portuguesa, a atividade proposta era completar frases de forma “livre”. Então, eu escrevi: “O ovo é cheiroso”. A professora passava entre as fileiras das carteiras verificando o que os alunos escreviam. Quando se aproximou e leu a minha frase, ela logo falou em tom de ironia: “Mas o ovo não é cheiroso nem aqui nem na China”. As outras crianças começaram a rir e eu fiquei constrangida. Tentei explicar que o cheiro do ovo frito me agradava e por isso havia escrito daquela maneira. Não adiantou, a professora continuou me intimidando e começou a pronunciar as respostas que ela esperava para aquela frase. Enfim, eu me retrai, apaguei o que tinha escrito e refiz a atividade de acordo com as palavras sugeridas por ela.

Aqui, sinto a necessidade de refletir sobre a importância de um professor mediador que prioriza o diálogo e respeita a opinião do aluno. Nesse caso, levantei alguns questionamentos: Por que a professora reagiu daquela maneira? Por impulso ou por achar que suas verdades eram inquestionáveis? E o que ela fez? O que eu faria? Afirmando que, antes de qualquer coisa, mediar a aprendizagem é ouvir o que o aluno tem a dizer, é buscar por alternativas que possibilitam a criança pensar, problematizar, argumentar. É entender que ocupo um papel de intermediário entre os alunos e o conhecimento.

Da 5ª série, recordo da primeira aula de ciências com uma professora recém-chegada à escola. Em sua fala ressentida, ela nos proibiu de nos referirmos a ela como “tia”. Com toda a frieza nas palavras, ela disse: “Tia é a irmã da sua mãe ou do seu pai, para vocês eu sou a professora Simone”. Naquele instante, foi possível perceber que a relação entre professora e alunos não seria nada fácil.

O exercício de rememorar me traz várias imagens de professores que já passaram pela caminhada escolar durante a minha vida. E o que eles tinham em comum? Eram professores autoritários, transmissores de conteúdos que mantinham planejamento e metodologias rígidas, que ministravam aulas monótonas desprovidas de sentido, que se propunham a seguir à risca o que estava nos livros didáticos, que nos fazia copiar páginas e mais páginas de livros, além de incentivarem a memorização de matérias para sermos avaliados em uma prova.

Falando em avaliação, o processo de aprendizagem e aquisição de conhecimentos não era importante, valia o que o aluno conquistava na prova. A reunião de pais para entrega de boletim mais parecia um “muro das lamentações”. Existia apenas o bom ou o mau aluno; elogio

ou só reclamação do comportamento das crianças. E se no fim o aluno não aprendeu e reprovou, a culpa era exclusivamente dele.

Neste aspecto, o professor como profissional passivo e difusor de ideias incontestáveis, pouco se preocupava com a sua prática pedagógica ou com o avanço/retrocesso da aprendizagem dos discentes. Hoje, é inaceitável que o professor seja inerte ao exercício de ação-reflexão-ação de sua prática docente. Sempre será oportuno ao professor crítico-reflexivo, o momento para revisitar, reavaliar e questionar sua atuação.

Voltando à minha trajetória educacional, os anos letivos passaram e eu concluí o Ensino Fundamental. Em 2003, iniciei o Ensino Médio, o que significava que muito em breve eu deveria escolher um curso superior com intuito de construir uma carreira profissional.

Nessa época, existia o Processo Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior (PAIES) na Universidade Federal de Uberlândia. Tratava-se de um programa baseado em um processo seletivo seriado com vistas ao ingresso no Ensino Superior.

Como já relatei, o sonho de ser professora estaria mais próximo e logo na 1ª série do Ensino Médio, eu decidi que minha primeira opção de escolha seria o curso de Pedagogia. Aí iniciaram as críticas e palpites do tipo: “Nossa, mas você quer mesmo ser professora de criança? Vai passar fome”. Meu pai também não aprovava minha escolha, e, segundo a visão de mercado que ele possuía, eu deveria me voltar para cursos tais como engenharia, administração ou contabilidade.

Para não contrariar meu pai, eu comecei a procurar outras áreas e cursos que possivelmente eu poderia gostar. Fiz alguns testes vocacionais além de observar as disciplinas que eu tinha maior afinidade.

Foi aí que eu comecei a enxergar a Química com um olhar mais sensível. A professora era uma profissional dedicada e comprometida com a sua prática docente. Ministrava as melhores aulas e, mesmo com poucos recursos, ela propunha atividades e experiências nas quais eu encontrava aplicabilidade no meu cotidiano e isso fez com que eu me apaixonasse pela disciplina.

Então, chegou o dia da inscrição para a última etapa do PAIES e eu deveria assinalar na ficha de inscrição o curso para concorrer a uma vaga. Para o contentamento de todos, marquei o Curso Superior em Química (bacharelado).

Era o ano de 2005 e, infelizmente, eu não fui aprovada nesse processo seletivo. Senti-me muito frustrada, pois foram três anos de estudos, fiz cursinhos preparatórios - pagos com muita dificuldade - e não havia conseguido. Meus pais sempre criaram muita expectativa em relação ao meu futuro e isso me deixava pior ainda.

Fiquei pouco mais de três anos sem estudar, mas ouvia frequentemente a mesma frase: “Filha vá estudar, a caneta é mais leve que a pá”. Foi então que meus pais inconformados com o fato de eu não estar estudando, me matricularam em um curso preparatório para o vestibular e só fizeram o comunicado: “Suas aulas começam amanhã”.

Todos aqueles sentimentos de frustração e incapacidade vieram à tona, confesso que eu senti medo, mas eu encarei e retomei meus estudos. Química Industrial era um curso recém-criado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia e foi a minha escolha, mais uma vez o sonho de cursar Pedagogia foi adiado.

Era Julho de 2008 e as provas da 1ª e 2ª fase ocorreram em dezembro e janeiro de 2009, respectivamente. Não criei expectativas e para a minha surpresa fui aprovada para a 2ª fase do vestibular. Fiz as provas e na minha análise de desempenho eu não conseguiria a aprovação.

No dia que sairia o resultado final, eu estava com uma virose e internada na sala de observação da unidade de atendimento. No final da tarde, eu recebi várias ligações de pessoas do meu convívio, me parabenizando pela aprovação. Eu fiquei sem acreditar, pedi à enfermeira para acelerar o gotejamento da medicação, porque eu precisava ir embora o mais rápido possível para confirmar se eu realmente tinha sido aprovada.

E sim, era verdade! Que alegria! Que entusiasmo! Finalmente eu me tornaria discente da Universidade Federal de Uberlândia. Confesso que a parte mais fácil do curso, foi registrar a matrícula.

Foram quase cinco anos de muito estudo, enfrentando inúmeros desafios enquanto acadêmica em formação. O enredo passou por altos e baixos, noites em claro, sentimento de não vencer ou de não conseguir finalizar. Vivenciei o período da maior greve da história nas Universidades Federais, o que atrasou o término do curso. Por várias vezes eu ficava 15 horas seguidas no *campus* da universidade, para assistir aulas presenciais, estudar na biblioteca e ir para o laboratório dar continuidade à minha pesquisa de Iniciação científica.

Muitos docentes que passaram pela minha vida acadêmica ainda mantinham a metodologia tradicional de ensino. Era possível perceber que eles não estavam dispostos a dialogar com a turma, ministravam aulas que não tinham sentido e nem importância naquele momento.

Vou citar ações de dois professores que mais me marcaram. A primeira, uma docente inteligentíssima, que realmente mostrava domínio do conteúdo, mas que se limitava a escrever no quadro negro. Montava todo o esquema de reações químicas nos mínimos detalhes e depois exigia em sua avaliação uma reprodução do que tinha sido feito em sala. Um dia de prova ficou marcado na minha memória. Entramos às 13:00 horas para iniciarmos a avaliação e só

conseguimos sair por volta das 20:00 horas, e isso aconteceu com a turma toda. Eram apenas quatro questões e ainda assim, nesse dia eu conheci o significado de exaustão física e mental.

Outro professor, diferentemente de todos os outros, foi único durante aquela graduação que me fez “pensar fora da caixa”. Ele não aceitava respostas medíocres ou de senso comum, era preciso decifrar o que estava nas entrelinhas. Seu método de avaliação era diferenciado: ele entregava a prova, separava a turma em grupo de quatro pessoas para resolverem as questões e depois de uma semana íamos até a sala dele para defendermos nossas respostas. Precisávamos estudar, pesquisar e raciocinar. Era fundamental o exercício de pensar e foi aí que eu descobri que pensar dói, e dói muito. Não é uma dor física, é dor emocional e por diversas vezes eu chorei tentando entender aquele turbilhão de sentimentos.

A minha pesquisa de iniciação científica foi a base para a construção do meu trabalho de conclusão de curso. Por mais que eu conhecesse cada etapa da pesquisa, foi bem difícil me imaginar diante da banca de doutores que me avaliariam. Mas no fim deu tudo certo! Quando saí do anfiteatro com a aprovação em mãos, lembrei-me do discurso de várias pessoas que me diziam: “Entrar na UFU é fácil, o difícil é sair”, e sou obrigada a concordar que em partes, elas tinham razão.

Difícil não pelo fato de ter inúmeras disciplinas e compromissos decorrentes do curso, mas pelo fato de que foi preciso eu amadurecer, aprender a lidar com sentimentos outrora desconhecidos, bem como entender o porquê toda a caminhada educacional construída antes da graduação não era suficiente para dominar as leituras de um curso superior. Ainda hoje eu sinto dificuldades em posicionar-me criticamente diante de certas situações. Acredito que isso acontece porque desde a pré-escola eu não fui treinada para pensar, mas para reproduzir cópias de argumentações desvalidas.

Terminei a graduação, depois de quase um ano eu consegui um emprego em uma indústria de laticínios. Trabalhei por aproximadamente três anos, mas insatisfeita com diversas situações que ocorriam no meu cotidiano, eu decidi que não era aquilo que eu queria para mim e pedi demissão. Daquele momento em diante, surgia o questionamento: E agora, o que eu vou fazer?

Era final do ano de 2016, eu já estava casada há sete anos e existia dentro de mim um desejo incontrollável de ser mãe, inclusive eu já era tentante há pelo menos quatro anos. Um dia no consultório médico, eu e meu esposo ouvimos que a nossa chance de gravidez natural seria de 1% ou 30% por fertilização *in vitro*, mas que custava um valor “x” que não tínhamos como pagar naquele momento.

Saí de lá muito triste, tive que lidar com um processo depressivo, e em 2017 eu decidi que mudaria toda a minha vida. Lembra aquele sonho de ser professora? Voltou à tona, e eu me matriculei em um curso de Pedagogia semipresencial em uma faculdade privada. Na minha cabeça, eu pensava nos meus futuros alunos como “filhos do coração” e a eles eu dedicaria todo o meu afeto, já que possivelmente eu não geraria um filho meu.

Eu já estava terminando o segundo semestre do novo curso quando vi que a Universidade Federal de Uberlândia havia liberado o edital do processo seletivo para a graduação em Pedagogia à distância. Inscrevi-me para o vestibular, estava um pouco insegura em relação aos conteúdos que seriam cobrados, pois há anos eu não os estudava. Fiz a prova e para a minha surpresa eu fui aprovada. Fiz a minha matrícula na UFU sabendo que eu perderia o ano já cursado, mas isso não era problema para mim.

Em 2018, surgiu uma oportunidade de estágio como auxiliar de sala em uma escola de educação infantil. Candidatei-me e fui escolhida para a vaga. A professora regente foi muito gentil e me orientou em relação às minhas atribuições. As responsabilidades eram inúmeras e eu senti muita insegurança na minha prática. Nunca tinha entrado em uma sala de aula, e pela minha inexperiência, eu senti medo em diversos momentos e a minha vontade era sair correndo daquela escola.

As semanas se passaram, fui estabelecendo um vínculo afetivo e de confiança com as crianças, fui fazendo o meu trabalho e me adaptei à nova função. Nesse período, fui contratada e passei a fazer parte da equipe daquela escola. Aprendi muito com as minhas colegas de trabalho, mas busco ainda pensar o quanto eu, acadêmica em formação, preciso me dedicar e refletir sobre a minha prática docente. Como bem disse Paulo Freire:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p.58)

Voltando ao resgate das memórias, um dia em maio de 2019, me aconteceu um fato que jamais esquecerei. Eu estava trabalhando na escola, rotina normal, crianças felizes a brincar no parque, quando de repente um aluno se aproximou e disse: “Tia Thalita, tem um neném na sua barriga” e saiu e se colocou a brincar novamente. Eu logo pensei que seria um devaneio de criança e deixei a história de lado.

Quando chegou o mês de julho, eu entrei de férias e fui juntamente com meu esposo a uma viagem de lazer. Nosso voo chegou de madrugada ao destino, estávamos com muita fome

e por sorte em frente ao hotel que nos hospedamos tinha um trailer de lanches que ainda estava funcionando. Comi bastante e quando amanheceu comecei a passar muito mal e logo coloquei a culpa no “lanche da madrugada”. Na verdade, eu já estava com oito semanas de gestação, mas jamais me ocorreria esse pensamento, pois era um desejo que eu já havia esquecido e deixado no passado.

Hoje, meu pequeno Eliseu, está com um ano e sete meses de idade e é a minha maior motivação a continuar no meu propósito de ser professora. Pondero que essa graduação não está sendo fácil e diariamente eu tenho desafios a enfrentar; o enredo de noites em claro e sentimento de não conseguir continua se repetindo; como se não bastasse fomos pegos de surpresa com a pandemia do coronavírus, o que exigiu uma nova maneira de viver e todos os dias preciso me reinventar para superar a insegurança do futuro, mas jamais perco a fé de chegar ao final com a vitória e alegria de me tornar pedagoga.

Para finalizar, considero que a escrita desse memorial irá representar a busca da (re)construção da minha identidade profissional em torno da minha própria história de vida. Realizei um exercício árduo de lembrar uma criança delicada que se tornou uma jovem aventureira e agora mãe e profissional em constante formação. Entendo que a vida é o melhor espaço de momentos formadores por permitir a construção de hábitos e saberes.

Todas as lembranças me fizeram refletir sobre a educação das crianças tomando o contexto da minha infância bem como as imagens de profissionais que carrego na memória. O meu futuro como educadora ainda é desconhecido, mas tenho certeza da profissional que não quero me tornar, e, sobre isto me coloco a meditar: o que teria mudado na minha vida se eu tivesse recebido uma educação afetiva? Se eu tivesse autonomia na construção do meu conhecimento, eu seria uma adulta mais criativa, crítica e reflexiva nas minhas ações?

Essas questões que se puseram em discussão, foram a base para a definição do tema da pesquisa: “A importância da afetividade na relação professor e aluno. A base desse estudo foi uma revisão bibliográfica, com o intuito de entender como as ações pedagógicas permeadas pelo afeto influenciam a relação professor-aluno.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A afetividade é fundamental para as relações humanas e acompanha o indivíduo desde o nascimento até a morte. De acordo com Ferreira (1999, p.62), “a afetividade significa conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza”.

Na relação professor-aluno, entendemos que o clima afetivo é fundamental para a formação integral do aluno. Para melhor compreensão sobre o tema, o texto a seguir assume o caráter teórico e as discussões se dão a partir de estudos já realizados por outros teóricos. Conforme Gil (2010, p. 30) citado por Conceição *et. al* (2019, p.2), o estudo ou pesquisa teórica traz como principal vantagem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Tal vantagem existe porque o estudo teórico tem sua elaboração em trabalhos já elaborados, promovendo um olhar mais específico a uma questão norteadora.

Assim, a redação está organizada em três subcapítulos: o primeiro subcapítulo aborda a importância da afetividade na relação professor-aluno; o subcapítulo dois, discorre sobre o papel do professor enquanto mediador do conhecimento e o terceiro e último subcapítulo discute a afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia.

2.1.A importância da afetividade na relação professor e aluno

A afetividade é fundamental para a formação integral do ser humano. Neste sentido, verificamos a influência dos aspectos afetivos no desenvolvimento da personalidade e caráter do indivíduo bem como no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Passamos boa parte de nossas vidas dentro de uma escola e é nesse ambiente e através das relações interpessoais que o nosso caráter irá se moldar. Para Jean Piaget (1975, p. 226), “cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona em suas relações com ela uma espécie de esquema afetivo, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca”.

Assim, a soma de todos esses esquemas afetivos e sentimentos irão influenciar diretamente no desenvolvimento do caráter e da personalidade do sujeito. Além disso, a

educação formal e os cuidados que o aluno recebe na escola são fatores determinantes para a sua constituição enquanto cidadão crítico e consciente da sua realidade.

A escola é uma extensão do conhecimento que a criança recebe no interior da família. Assim, um ambiente permeado de afeto, diálogo e respeito pode contribuir para que o aluno aprenda a conviver em sociedade de forma mais harmoniosa, e isso se torna muito importante para o desenvolvimento do sentimento de empatia e comprometimento na relação com o outro.

Sobre isso, Maturana (1997) diz que:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver na comunidade em que vivem. A educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação (MATURANA, 1997 p. 29).

No que se refere à influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, corroboramos que para educar é preciso ter afeto já que uma relação afetiva entre professor e aluno pode ser um fator positivo e determinante para a aquisição do conhecimento por parte do aluno.

Existe uma relação intrínseca entre os aspectos afetivos e cognitivos. A afetividade está interligada às funções cognitivas; uma não poderia funcionar sem as outras. O desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo; por isso, para haver cognição na sala de aula é preciso ter afetividade com os colegas, professores e os conteúdos, mas isso não significa que se não tiver afeto não terá cognição (ARANTES, 2002, *apud* BARBOSA, 2020, p.3).

Sobre isso, entendemos que se professor e aluno instituem vínculos afetivos em suas relações cotidianas, a comunicação se torna mais fácil e, conseqüentemente, a compreensão dos conteúdos fica mais clara e acessível, daí ratificamos que a afetividade auxilia de forma positiva a aprendizagem.

Além da facilidade na comunicação entre professor e aluno, vale ressaltar que as práticas pedagógicas baseadas no afeto, despertam no educando a motivação, a segurança e o desenvolvimento da autoestima que são fatores imprescindíveis para a construção do conhecimento bem como para a aquisição de habilidades sociais e afetivas.

Vários teóricos buscaram explicar o tema em estudo. Vamos ressaltar as contribuições de Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), um pesquisador francês que destacou a

importância que possui o meio sociocultural na construção do conhecimento, sendo que essa construção passa a depender do contexto no qual o indivíduo está inserido. O pesquisador também destaca a relação entre a afetividade e a inteligência no processo de aprendizado, aproximando a relação entre o biológico e o social.

Nas palavras de Wallon (1975):

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o outro. (WALLON, 1975, p.159)

Ademais: "Há tomada de consciência pelo indivíduo do grupo de que faz parte, há tomada de consciência pelo grupo da importância que pode ter em relação aos indivíduos". (WALLON, 1975, p.215). Logo, a afetividade constitui um agente muito importante no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, ou seja, o sujeito poderá se discernir como pessoa por meio desse outro.

Podemos inferir que o processo de desenvolvimento cognitivo associado a manifestações afetivas impacta de forma direta no desenvolvimento completo do indivíduo. Na época dos estudos de Wallon, havia uma tendência de supervalorização dos estudos que tinham como focos centrais os processos cognitivos e intelectuais, os quais envolviam raciocínio e memória, sem a devida importância das questões relacionadas ao emocional dos indivíduos.

A teoria psicogenética proposta por Wallon compreendia a criança em seus aspectos afetivo, intelectual, biológico e social, sendo que esta nova proposta trouxe grande avanço no processo de ensino, uma vez que sintetizava que a criança deveria ser entendida de uma forma completa, holística.

Ainda, na perspectiva de Wallon, é importante reforçar que o estudo da pessoa completa envolve o caráter cognitivo, o afetivo bem como o motor. O marco diferencial do pensamento do pesquisador é a busca de conciliação entre o caráter biológico e o social, segundo ele, existe entre o ser e o meio uma íntima relação, sendo que, ela exerce clara influência sobre o indivíduo, sendo esta influência de domínio biológico e social.

Neste sentido, Gallahue (2005) citado por Brito (2019) constata que:

O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam-se os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse

desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE, 2005, p. 3, *apud* BRITO, 2019, p.9).

Diante das importantes contribuições de Wallon precisamos considerar a afetividade como elemento indispensável no processo de formação e de ensino do indivíduo, e, além disso, enxergá-lo em sua completude, mas sem abandonar a ideia de que esse ser humano está em constante desenvolvimento.

Tendo em vista a manifestação da afetividade vivenciada pela criança em sua vida social, é possível que se trabalhe a importância cultural, sociocultural, o respeito, a compreensão no contexto escolar. Além disso, é interessante que o educador estabeleça uma conexão entre a afetividade e inteligência, pois os processos cognitivos que possibilitam a aprendizagem se relacionam diretamente com os sentimentos do sujeito, sendo assim a criança consegue aprender mediante aquilo que ela aprecia.

2.2.O professor como mediador

A mediação pedagógica é de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, o papel do professor é o de mediar o conhecimento direcionando o educando para a construção plena do saber visando à formação de um cidadão crítico, reflexivo e consciente da sua responsabilidade social.

Analisando a perspectiva de Vygotsky sobre a mediação, verificamos que segundo esse pensador, o papel do professor é o de mediador ativo, o qual por meio de suas práticas pedagógicas, influenciará no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ainda há de se considerar que a abordagem do pensamento de Vygotsky é sociointeracionista, e por essa razão, ele afirma que o desenvolvimento cognitivo não está dissociado do meio em que o sujeito está inserido.

Para Vygotsky (1991), é a partir de um profundo processo de interação entre as pessoas que se dá a construção do conhecimento. Ainda destaca que o papel do “outro” é o de mediar tanto a constituição do sujeito e em suas formas de agir, quanto no processo de construção do conhecimento. Sobre isso, o pensador afirma que o sujeito é interativo pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação.

De acordo com Libâneo (1994):

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 87)

Assim, o professor mediador surge como uma figura de suma importância para o desenvolvimento do aluno e de seu aprendizado, levando-o a interagir com o meio na busca de um conhecimento contextual elaborado a partir das trocas sociais (CONCEIÇÃO *et al.*, 2019).

Além disso, se faz necessário que o professor estabeleça uma parceria com o educando numa relação de respeito e confiança, em que as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem possam aprender reciprocamente. Deste modo, o professor mediador motiva o aluno para a construção do seu saber e do seu ser. E é através desse ensino mediado que o aluno poderá desenvolver as habilidades criativas, questionadoras e também ser ativo na construção de novos conhecimentos.

Na concepção de Vygotsky (2007) *apud* Conceição *et al.* (2019), o professor é aquela pessoa que organiza o ambiente onde se forma o processo de aprendizagem, pois é no ambiente de sala de aula onde o aluno elabora e constrói seu aprendizado. Este espaço se torna parte importante neste processo de aprender, cabendo ao professor torná-lo o mais agradável possível, sendo que o ambiente e as situações geradas irão produzir conhecimentos, caracterizando a figura do professor como um mediador e criador de situações de aprendizagem.

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. (...) primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstróem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido (GASPARIN, 2007, p.113-114).

Logo, nesse processo de permanente aprendizado, estabelece-se de forma coletiva - estudantes e professores - a postura dos alunos frente à construção do conhecimento, a qual deve assumir um caráter ativo, descobridor, transformador e empreendedor, ou seja, o aluno precisa ser atuante em todo o percurso bem como em todas as decisões. Um processo de ensino e aprendizagem se torna eficiente quando há cooperação, trabalho em equipe, e um professor que se empenhe para desenvolver as habilidades e competências dos alunos e estes sendo coautores de seus próprios desenvolvimentos.

2.3.A afetividade no contexto escolar em tempos de pandemia

O atual cenário de pandemia trouxe mudanças e novas percepções para a vida cotidiana das pessoas. No que diz respeito à educação constatamos inúmeras transformações e adaptações para minimizar os impactos nos processos educacionais. Nesse contexto, a situação de calamidade pública ocasionada pela pandemia da Covid-19 fez com que as aulas presenciais fossem suspensas em todo país desde março de 2020.

Vale ressaltar que uma grande crise educacional foi desencadeada nesse período. As escolas não puderam mais receber as pessoas por causa da restrição de circulação adotada como medida de segurança contra o novo coronavírus. A grande maioria da população deveria ficar em casa e somente os serviços essenciais funcionariam de forma presencial, ou seja, foi determinado um criterioso isolamento social.

Nesse cenário, foi constatado que no Brasil, a Educação não é valorizada como um serviço essencial para o desenvolvimento da sociedade, pois no rol de atividades essenciais ela não foi elencada. Então, em algumas regiões, os profissionais responsáveis pela educação tiveram que adotar a modalidade de ensino remoto. Os alunos recebiam em suas casas atividades que deveriam ser realizadas por meio das ferramentas digitais, disponibilizadas via programas e plataformas tecnológicas.

Dessa maneira, a relação entre alunos e professores foi bruscamente interrompida, pois o ambiente virtual de ensino não permite as mesmas interações. Os estudantes de escolas públicas enfrentaram dificuldades ainda maiores pela falta de acesso aos recursos tecnológicos e a desigualdade educacional no país foi agravada.

Pelo fato de as escolas particulares possuírem melhores recursos financeiros, elas se adaptaram de forma mais rápida à nova modalidade de ensino e a relação professor-aluno foi sendo retomada de maneira mais ágil através das ferramentas tecnológicas. Esse foi um motivo favorável para que o atraso no ensino desses educandos fosse minimizado.

Para melhor compreensão dos apontamentos citados, propomos uma reflexão sobre as práticas pedagógicas diretivas, não diretivas e relacionais. Na primeira, dita pedagogia diretiva acontece o mito da transmissão do conhecimento, ou seja, nessa abordagem pedagógica, o professor fala e o aluno apenas reproduz o que lhe é apresentado. O estudante deve seguir as instruções que lhe são dirigidas por um professor que por vezes é uma figura autoritária, que dá ordens, instruções, e o aluno deve escutar e executar o que lhe é atribuído. Nesse método de ensino, o aluno é considerado uma tábula rasa em que são impressos os modelos de comportamento desejáveis segundo o olhar criterioso do docente.

No método da pedagogia não diretiva, o professor apenas auxilia o aluno na aprendizagem, o discente deve aprender por si mesmo. O professor é responsável por despertar o conhecimento que já existe no aluno, ou seja, o educando se torna responsável pelos assuntos a serem estudados conforme sua vontade e conveniência.

Já na abordagem pedagógica relacional, o método de ensino é centrado na relação professor-aluno em que ambos trazem suas bagagens, que serão compartilhadas na construção do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. O modelo destaca que o docente deve propor, investigar e estimular a participação do aluno. Nessa prática pedagógica, aluno e professor produzem o conhecimento, de forma dinâmica e conjunta, sendo compartilhado o conhecimento entre aluno e professor.

Retomando a questão do ensino remoto e com base nas práticas anteriormente apresentadas, destacamos que o ensino das escolas públicas teve um retrocesso significativo, uma vez que a prática pedagógica utilizada nesse momento de pandemia foi a pedagogia diretiva, na qual o aluno permanece no polo passivo do ensino, recebendo apenas transmissão do conhecimento, sem a possibilidade de interação com o professor.

Com a suspensão das aulas presenciais, as escolas públicas adotaram o projeto PET (Plano de Estudo Tutorado), e ao lançar mão desta metodologia percebe-se que a construção do conhecimento deixa de ser estabelecida de forma coletiva e relacional entre os estudantes e professores e há um retrocesso sistemático na base metodológica do processo de ensino. É importante ressaltar que o período de pandemia afetou toda humanidade de forma inesperada e nesse cenário nos vimos obrigados a reposicionar as práticas pedagógicas na busca de minimizar os efeitos dessa catastrófica crise.

Observamos que na proposta de ensino remoto, ou mesmo na forma como o projeto foi colocado nas escolas públicas, as possibilidades de os professores optarem por uma postura que afetasse de forma positiva as experiências de aprendizagem dos alunos foram bem limitadas, todavia é possível sim ao docente se manter atento neste contexto de pandemia e estabelecer vínculos afetivos com os discentes, ainda que seja de forma virtual.

Sabemos que é necessário que haja uma mudança significativa nas práticas pedagógicas que até então vinham sendo realizadas pelos professores e esse duro e longo período nos mostrou isso. O professor é ainda o principal responsável pelo ensino estudantil, porém, vale salientar que ensinar não é apenas repassar informações ou mesmo atividades, é necessário ajudar o indivíduo a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que reside e da sua função dentro dela. A tarefa de ensinar está muito além dos aspectos cognitivos.

No contexto escolar, a interação afetiva entre aluno e professor favorece o desenvolvimento e o aprendizado. O cidadão é constituído basicamente de sua história de vida, de suas experiências culturais e sociais, sendo que todo esse conjunto constitutivo é capaz construir sua autonomia, definir sua personalidade e contribuir para a interação social.

Mesmo com todos os desafios que o ensino remoto nos impõe, a afetividade na relação professor e aluno continua sendo fundamental em qualquer situação de aprendizagem. O professor deve procurar trabalhar atividades que levem o educando a uma ação ativa e construtiva, na qual sejam trabalhados, corpo, mente e sentimentos, pois esse conjunto de dimensões são partes indissociáveis do mesmo ser. O grande obstáculo para os educadores é conseguir que o processo de desenvolvimento cognitivo, aconteça associado a manifestações afetivas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial é fruto de um processo de reflexão sobre os acontecimentos que marcaram a minha vida pessoal e acadêmica. A sua escrita está muito além de ser puramente o cumprimento burocrático do componente curricular da disciplina de Monografia II – TCC, pois foi possível arquitetar o meu futuro enquanto profissional da educação.

Nos últimos dias, tenho vivido um turbilhão de sentimentos que variam de alívio à euforia em fração de segundos. Alívio por me ver livre do peso e da tensão decorrentes de tantas responsabilidades da formação em curso, e euforia porque finalmente vou realizar um dos meus sonhos de infância: o de ser professora. Que alegria! Já posso enxergar o *grand finale* e a recompensa pelos quatro anos de dedicação e estudos para me tornar pedagoga. Cabe aqui ressaltar que, embora eu esteja alcançando a licenciatura em pedagogia, é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos. Entendo que para exercer a docência são indispensáveis uma formação consistente e a reflexão constante sobre as minhas práticas.

O caminho até aqui foi repleto de desafios. Como se não bastasse ainda fomos pegos de surpresa com a pandemia do coronavírus, mas como dizia Steve Jobs “*A vida continua e você aprende com isso*”. Logo, precisei estabelecer uma nova maneira de viver e todos os dias necessito de me reinventar para superar a insegurança do futuro, mas jamais perco a fé em dias melhores e de chegar ao final com a vitória.

Analisando vários aspectos da minha trajetória acadêmica, posso afirmar que recebi uma educação baseada na metodologia tradicional e o afeto não esteve presente nas minhas relações dentro do contexto escolar. Sobretudo, foi possível ressignificar as lembranças que carrego na memória em busca da (re)construção da minha identidade profissional. Todas as recordações me fizeram pensar sobre a educação tomando as imagens de profissionais que passaram pela minha vida escolar e que apenas se dedicaram à transmissão de conteúdos.

Sobre isso Paulo Freire diz que “*O educador se eterniza em cada ser que educa*”. Assim, ao me tornar educadora, é preciso que eu tenha a postura de mediadora do conhecimento direcionando o aluno no sentido do desenvolvimento integral de suas potencialidades, mas sempre respeitando-o como sujeito dotado de sentimentos, vontades, sonhos e desejos.

Diante da pesquisa bibliográfica realizada neste trabalho, evidenciou-se que a afetividade na relação professor-aluno interfere diretamente na aprendizagem dos estudantes. Trata-se de um elemento que pode e deve ser manifestado tanto no ambiente presencial de ensino quanto no ensino remoto já que os laços afetivos corroboram para aprendizagens significativas.

Assim, precisamos considerar a afetividade como elemento indispensável no processo de formação e de ensino do indivíduo. Se a relação professor-aluno é permeada pelo afeto, passamos a enxergar o aluno em sua completude: um ser humano que carece de atenção, respeito e empatia para se desenvolver adequadamente.

Cabe ressaltar que o vínculo estabelecido entre professor e aluno deve estar centrado na amizade, no diálogo, na escuta sensível, no fazer compartilhado e na mediação pedagógica. Só assim, o aluno desenvolverá sentimentos de autoconhecimento, autoestima e se sentirá seguro para construir com autonomia o saber necessário para atuar na sociedade em que vive.

Neste sentido e para finalizar, tenho a convicção que sempre será oportuno buscar melhorias das minhas ações e por isso o ato de ação-reflexão-ação é tão importante para direcionar os momentos vividos. Entendo o meu dever enquanto futura pedagoga, e assumo a responsabilidade de que todas as minhas práticas influenciarão os ciclos mais importantes da vida dos meus alunos, bem como servirão de base para a formação de cidadãos críticos e ativos diante da realidade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. S. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem> Acesso em 10 de outubro de 2021.

BRITO, M. S. S. **Afetividade no contexto educativo**: sua importância segundo os professores do ensino fundamental. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 29 p. 2019. Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21529/1/TCC%20-%20MARIA%20S%C3%94NIA%20DE%20SALES%20BRITO.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

CONCEIÇÃO, E. de F. V. da; SIQUEIRA, L. B.; ZUCOLOTTI, M. P. D. R. Aprendizagem mediada pelo professor: uma abordagem vygotskyana. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 7, p. e30871139, 2019. DOI: 10.33448/rsd-v8i7.1139. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1139>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário de língua portuguesa. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MATURANA, H. R. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

PIAGET, J. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fonte, São Paulo, 1991.

WALLON, H. A psicologia genética. Trad. Ana Ra. *In*: **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.